

discurso de gênero na sociedade e um despreparo metodológico que impede a autora de trabalhar a questão do gênero e do discurso normatizador da Igreja em suas temporalidades históricas. Ao deixar de historicizar devidamente os conceitos com os quais lida, resvala para

estereótipos e generalidades que endossa e que não chega nem a desmistificar nem a contextualizar devidamente no tempo e nos regionalismos do Brasil-Colônia.

MARIA ODILA SILVA DIAS ■

Uma biografia de emoções

Anna Freud: Uma Biografia

YOUNG-BRUEHL, Elizabeth (tradução de Henrique Araújo Mesquita).

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

Já em *Agradecimentos e Notas* sobre as fontes, e no primeiro parágrafo da *Introdução*, este belo livro de Elizabeth Young-Bruehl nos dá a essência do que será esse contato com Anna Freud. Em *Notas*, a autora nos assegura que não vamos nos aventurar por mais uma biografia tendenciosa, como as muitas versões sobre Freud, plenas de suposições, rumores, sensacionalismo. A autora estipula normas para aquilo a que vamos ter acesso - correspondência não publicada, o diário de Manna Friedmann, professora da creche de Hampstead que ajudou a cuidar de Anna Freud nos seus últimos anos de vida, entrevistas com contemporâneos de Anna, como Anny Rose Kafan, Jeanne Lampl de Groot, Josefina Stross, Anna e Anton Kris, filhos de Marianne e Ernst Kris - assim como estabelece quais os contatos e entrevistas que não foram utilizados na biografia (por exemplo, as entrevistas com pessoas analisadas por Anna Freud). Tais dados mostram o rigor do trabalho de campo.

O primeiro parágrafo da *Introdução* dá o tom do texto. Introduz a história de Anna Freud com datas, local etc, e nos dá a conhecer uma outra história, aquela contada pela própria Anna, como quando diz que ela e a Psicanálise foram irmãs gêmeas que disputaram a atenção do pai. Os dados biográficos vão sendo tecidos pelo sentido que Anna vai dando a sua vida. Aí parece que a autora faz jus à referência de ter utilizado a Psicanálise como seu método quando da feitura desta "vida e obra".

Tentador seria, sendo a personagem em questão a filha mais nova do pai da Psicanálise, sua sucessora profissional, a filha que com ele

ficou até a velhice, basear sua biografia nessa relação, onde o gênio de Sigmund Freud seria o responsável por todas as vicissitudes da vida de Anna. Também tentadora seria a idéia de se utilizar selvagemmente a Psicanálise, e dar ao leitor uma interpretação de cada esquina da vida de Anna. Mas, o que temos neste livro é a história da jovem caçula de seis filhos, às voltas, não só com o genial pai, mas com a beleza da irmã Sophie, com a distância da mãe Martha, com dificuldades financeiras. Às voltas não só com a análise realizada pelo seu próprio pai - motivo de especulação e sensacionalismo ainda hoje, em plena virada do século - mas também às voltas com seus desejos, suas fantasias, seus ciúmes, suas histórias diurnas, sua "bondade e altruísmo", material de sua análise formal e auto-análise ao longo de sua vida, material este até então disperso nas suas correspondências não publicadas e nos seus artigos psicanalíticos. Heinz Hartmann, na época da discussão sobre a publicação da correspondência de Sigmund Freud com Fliess, dissera que a "história da criação da Psicanálise é, ao mesmo tempo, a história da crise do seu criador". Esta bela biografia de Anna Freud acompanha com clareza suas crises, sua análise e sua criatividade.

Anna Freud nasceu em Viena, em 1895, sexta filha do jovem casal Sigmund e Martha Freud. Apesar de criada por duas mães, Martha e Minna Bernays (irmã de Martha que foi morar com a família quando Anna contava um ano), foi à sua babá católica, Josefina, que Anna se referiu como sua "zeladora primordial", sua "mãe psicológica", "minha velha babá, a relação mais antiga e mais autêntica da minha infância", como escreveu aos 29 anos a um amigo. Foi com Josefina que Anna sentiu-se a favorita, a filha única, tema relevante em toda sua análise, em toda sua vida. O livro caminha pela infância da pequena Anna, contadora de histórias que tanto agradavam ao seu adorado pai.

Adolescente, já conflituada, às voltas com fantasias plenas de violência, masturbação e culpa.

Em 1919, inicia sua primeira análise com o pai, a qual vai durar quatro anos, padrão longo para a época. Anna diz que se concentrou em combater as fantasias e sonhos diurnos que inibiam seu trabalho e carreira, e neste sentido foi uma análise bem sucedida pois, sempre segundo Anna, permitiu-lhe "transformar a atividade fantasiada e os sonhos em pleno dia em atividade de escrever". A segunda fase de sua análise, ainda com Freud, deu-se em 1924 e 1925. *Agora analista praticante*, Anna tinha mais consciência das dificuldades e complexidade de sua situação analítica. Ostópicos desta análise foram seu "complexo de masculinidade", seus ciúmes e o que chamava de sua bondade. O livro nos faz acompanhar a análise de Anna, suas reflexões e os momentos da criação da Psicanálise. De maneira interessante e lúcida, a autora traça uma possível relação entre a criação do artigo de Freud "Uma criança é espancada" e a primeira análise de Anna, enquanto a segunda fase de sua análise com o pai é contemporânea ao artigo "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". Neste artigo, Freud dá ênfase ao fato de que o complexo de masculinidade, ou inveja do pênis, de uma jovem mulher, perturba suas relações com a mãe e irmãs, tema central desta análise. As *correspondências e artigos* psicanalíticos de Anna Freud vão nos desvendando o prosseguimento de sua análise com Max Eitingon e Marie Bonaparte, seu amadurecimento profissional, suas relações afetivas e a perda do pai em 1939. *Mais uma vez crise e criação*. E o prantear o pai e o lar perdido em Viena lhe dão um novo entendimento da Repressão e da Amnésia Infantil, temas centrais de seu belo ensaio "Sobre perder e estar perdida".

Sua biografia nos revela uma mulher com profundas e fecundas amizades femininas, como foram Lou Andreas-Salomé, Eva Rosenfeld, Marie Bonaparte e Dorothy Burlingham, com quem Anna dividiu sua vida, sua casa de campo, tendo sido sua grande companheira até a velhice. Frau Lou parecia sintetizar para Anna "cabeça e beleza", conflito vivido com sua bela irmã Sophie. Marie Bonaparte foi sua amiga, confidente e analista na fase mais madura de sua vida, com quem Anna dividiu os sonhos da época do luto do pai. Interessante como o livro nos mostra algo em comum nestas mulheres em suas relações com Anna - *aceitavam e compreendiam que o mais forte sentimento de*

Anna sempre seria para com o pai. Não sem conflito, pai e filha viviam esta relação próxima e complexa. Freud escreveria a Frau Lou, durante uma viagem de Anna a Berlim: "Também sinto muito a falta de minha filha Anna. Ela partiu para Berlim e Hamburgo em 2 de março. Faz muito tempo venho sofrendo porque ela ainda está em nossa companhia, gente velha, mas por outro lado, se ela realmente tiver que partir, eu me sentiria tão frustrado como me sinto agora, como me sentiria se tivesse que deixar de fumar! Enquanto estamos todos juntos, não se compreende isto claramente, ou, pelo menos, nós não compreendemos. Portanto, tendo em vista todos esses conflitos insolúveis, é bom que a vida chegue ao fim, mais cedo ou mais tarde".

A vida realmente chegou ao fim para Anna e suas pessoas queridas. Mas sua biografia nos revela não só a *labuta diária* com aqueles "conflitos insolúveis", como também sua vitalidade e criatividade, utilizando a Psicanálise na solução dos enormes problemas sociais dos dois períodos de guerra. Anna sempre quis assegurar que a Psicanálise não fosse uma terapia reservada aos ricos, e que sua aplicação se ligasse a instituições progressistas de educação e orientação de crianças. Neste sentido, o livro nos mostra, por exemplo, a revolução instituída na creche de Hampstead, durante a Segunda Grande Guerra, quando Anna Freud e Dorothy Burlingham decidiram reorganizar a população da creche em grupos semelhantes a famílias de quatro ou cinco crianças e uma "mãe" - as "famílias substitutas". Os resultados foram imediatos e em pouco tempo surgia algo como uma vida normal de família com todos os benefícios previstos para a vida emocional das crianças. Sua vitalidade e criatividade também podem ser acompanhadas nas suas atividades dentro das Sociedades Psicanalíticas da época, nas famosas discussões com o "grupo Kleiniano" e na sua luta contra os preconceitos contra analistas leigos e analistas de crianças.

Anna Freud viveu com profundidade cada aspecto de sua vida, e, talvez por isso, a leitura desta sua biografia, escrita como se tivesse sido contada por ela, é uma experiência de emoção e inspiração.

MÔNICA MARQUES TENENBAUM ■